

O VENTRE DA TERRA

DAGMAR ANGELINA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina

Dentro do quarto o homem abriu a pesada arca de cedro, a um canto da parede, onde guardava as ferramentas. E revirou foices, machados, enxós, facões, estrovengas enferrujadas. É tempo de semear, ele pensa em voz alta, enquanto remove a ferrugem do arado. O querosene desemperraria porcas, parafusos e molas.

Ali perto da casa a ingazeira vergou-se sobre a fonte derramando em suas águas, folhas enferrujadas como se contaminadas pela cor ocre que a umidade colocara na lâmina do arado. As folhas caíam quando o vento soprava selvagem o seu bafo morno, sacudindo as penas das jandaias. E nas manhãs as jandaias faziam algazarra em voos rasteiros da ingazeira à cerca de arame farpado: e as suas penas abriam-se como leques na ventania.

Sem olhar para trás, a moça apanhou a lata de flandres a caminho da fonte. Voltava minutos depois a equilibrar a lata no alto da cabeça sobre a rodilha de pano. Num andar gingado, ela recebe nos ombros e peitos grossos pingos d'água como se fossem beijos cálidos e úmidos.

Pirraça ou não, terra ruim, teimosa aquela ali onde nada vingava. Campos que se espreguiçavam até o horizonte, espetados de palmeiras catulés. Só erva rasteira, carrapicho,



tucum e urtiga. O adubo colocado na intimidade do seu corpo talvez fermentasse e enfurecesse os campos.

O sol havia torrado o capim dos pastos, mas, agora, os campos abriam-se em largas feridas sob o relho do arado. E assim o chão nu e de ventre aberto revelava uma terra dura, grudada como coágulos de sangue. O homem chegou, concentrado no seu trabalho, calculou distâncias e jogou certo em pequenas covas alinhadas as sementes de cor amarelo ouro. Na mesma obstinação ele voltava para renovar a provisão de sementes desfazendo com os pés aqueles bolos pesados de terra que abrigariam essas sementes num cálido aconchego.

Depois o homem saiu do capinzal e debruçou-se sob a fonte para beber água no côncavo da mão e voltou ao barranco. Foi então que deparou com a moça ajoelhada na tábua de bater roupa, batendo roupa. No susto ela endireitou a saia cobrindo a pele branca acostumada ao silêncio e sombra dos panos. E tapava com a mão suja de sabão, o peito sustentando dois carços redondos e arfantes que aguçavam o instinto do homem. O suor escorrendo em bagas pelo rosto, ele arriscou, avançando-se. A moça deixou que ele chegasse perto, então suas unhas feriram-lhe o rosto. O homem guardou a certeza de que aqueles riscos vermelhos jamais iriam se apagar enquanto a fonte gravava no seu leito úmido os pés da moça em fuga. E mais adiante, o rastro apagava-se junto à terra seca da encosta.

Muitas foram as vezes que a moça voltou à fonte. E os seus olhos dançavam, examinavam de viés em lances rápidos o homem cavando o solo com a lâmina afiada do arado. Silenciosamente deixou mergulhar o corpo na água: nua, a espuma do sabão a coroar-lhe os montes gêmeos e escorrendo pelo corpo. O olhar do homem cruzou as distâncias, atravessou a ingazeira e caiu como bolas de chumbo e desejo dentro da água, entre o pasma e o riso.

Os seus olhos nadam e mergulham nos olhos dela. A pele da moça rescende a silêncio, teimosia e hortelã. Então, o homem aproxima a sua boca foraz e trinca a pele do ombro



dela, cerrando os dentes como se apertasse um parafuso pouco a pouco. A mão calosa desceu pelo corpo numa carícia morna. Abraçaram-se ferozes, jogando-se no chão num baque surdo sobre as folhas e sombra da ingazeira.

Choveu. As nuvens intumescidas rasgaram o seu ventre cor de chumbo e irrigaram o chão fofo. As dobras secretas do ventre da terra expulsaram daí a alguns dias tenras folhas verdes que se vergavam ao sabor da brisa. Para que tanto cuidado? Depois de semeada, a planta nasce e vinga, pensava o homem, resignado. E encostava o ouvido junto ao ventre da mulher como se quisesse escutar palpitações germinativas da marca de sua contaminação. Semeara ali numa estação propícia, regando todos os dias com o seu estrume. Vingaria, acreditassem.

Depois da estação chuvosa, o sol chegou cruzando réstias poeirentas através das frinchas da janela. A mulher dirigiu-se a passos trôpegos para o quarto. E com as mãos sobre o ventre empinado como arco de barril, mordida o travesseiro de pãina como se quisesse sufocar ali, as suas dores e grito. Os galos arrebetando os peitos dentro do quarto, acordaram o homem. Sonolento, ele arreia o cavalo: vai à cidade buscar a parteira, talvez não demorasse muito a nascer.

Sentado sobre o arção da sela, o rosto e cabelos entregues ao vento, o homem esporeia o cavalo no ventre. O tropel de passos se afasta depois que a porteira range e bate a cancela. À beira da estrada as espigas de milho mostram-se carnudas, prestes a despencarem-se do caule. E o mato cresceu nestes últimos tempos estrangulando as folhas verde-gaio do milharal. É tempo de colheita.